

## ESTRUTURA DA INFORMAÇÃO EM GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES BASEADA NO USO: O CASO DA CONSTRUÇÃO PSEUDOCLIVADA

*Diego Leite de Oliveira<sup>1</sup>*

### RESUMO

O artigo discute a estrutura da informação em uma perspectiva construcionista. São analisadas construções pseudoclivadas do russo em comparação com suas contrapartes em português brasileiro e inglês. Essa análise indica que, ao mesmo tempo que as pseudoclivadas em russo exibem similaridades com suas contrapartes nas línguas mencionadas, apresentam especificidades relacionadas à estrutura da informação. Nesse caso, foi possível postular para o russo um padrão de herança particular, em que a pseudoclivada herda propriedades de uma construção de foco mais abstrata, pareando a função de foco com a posição final da sentença.

**Palavras-chave:** Gramática de Construções Baseada no Uso; Estrutura da informação; Foco

### ABSTRACT

This article aims at discussing information structure under a constructionist perspective. Therefore Russian pseudo-cleft construction is analyzed in comparison with its Brazilian Portuguese and English counterparts. This analysis indicates that, at the same time that pseudo-cleft in Russian display some similarities with its counterparts in the above languages, it exhibits some specificities regarding information structure. Thus, in Russian, it is possible to postulate a particular inheritance pattern, in which the pseudo-cleft construction inherits properties from a more abstract focus construction, pairing a focus function with the final position in the sentence.

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto do Departamento de Letras Orientais e Eslavas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: [diegooliveira@letras.ufjf.br](mailto:diegooliveira@letras.ufjf.br).

**Keywords:** Usage-Based Construction Grammar; Information Structure; Focus

## Introdução

Desde a Antiguidade Clássica, os estudiosos dividem o enunciado em pelo menos duas partes, cuja análise, bastante desenvolvida em seu viés sintático, possibilitou que no decorrer do tempo fossem conhecidas como sujeito e predicado. Embora ainda no século XIX estudiosos como Henry Weil (apud MATHÉSIUS [1939] 1967) tenham observado a existência de fenômenos outros – que transcendiam os aspectos meramente sintáticos da sentença, tais fenômenos só viriam a ser estudados, de forma mais sistematizada, com a Escola de Praga, a partir dos trabalhos de Mathésius ([1939] 1967), Traviček (1962) e Firbas (1966), sob a égide *aktuální členění větne*, conhecida no Ocidente como *functional sentence perspective* (perspectiva funcional da sentença), ou, nos termos de Halliday (1967), *information structure* (estrutura da informação)<sup>2</sup>.

De lá para cá, o estudo da estrutura da informação tem proporcionado um volume significativo de contribuições acerca do tema, sob as mais variadas perspectivas, evidenciando o fato de diversos fenômenos se demonstrarem sensíveis à forma com a qual a informação se organiza em um enunciado. A título de exemplo, é possível conferir o impacto da estrutura informacional na variação da ordem vocabular do russo (cf. KOVTUNOVA 1976; COMRIE 1989), nas assim chamadas restrições de ilha em português e inglês (cf. DECAT 2006; GOLDBERG 2006) e no estudo de construções de estrutura da informação específicas, tais como clivadas de diversos tipos e em diversas línguas (LAMBRECHT 2000, 2001; HILPERT E KOOPS 2009, BRAGA ET AL. 2013, LEITE DE OLIVEIRA 2017).

Este artigo visa a apresentar uma breve discussão sobre o tratamento da estrutura informacional em perspectiva construcionista baseada no uso, em decorrência do aprofundamento das reflexões apresentadas em Leite de Oliveira (2017a). Nesse sentido, serão debatidas algumas questões, dentre as quais destacam-se:

- i. Estrutura da informação: descrição e motivação em uma perspectiva construcionista baseada no uso;
- ii. Implicações tipológicas da estrutura da informação em Gramática de Construções Baseada no Uso.

---

<sup>2</sup> Também é comum o termo *information packaging* (empacotamento da informação, em uma tradução livre), termo cunhado por Chafe (1976).

Nesse sentido, parte-se primordialmente da análise de construções pseudoclivadas da língua russa, em comparação, quando relevante, com línguas como português e inglês. O trabalho se organiza da seguinte forma: na próxima seção um breve panorama sobre o modelo teórico conhecido na atualidade como Gramática de Construções Baseada no Uso (doravante denominado GCBU) é apresentado; na seção 3, são discutidos alguns conceitos acerca dos estudos da estrutura da informação (doravante denominada EI), relevantes para a GCBU, principalmente aqueles contidos em Lambrecht (1994, 2000 e 2001); na seção 4, são apresentados os aspectos metodológicos empregados na coleta e análise dos dados investigados neste trabalho; na seção 5 cada uma das questões indicadas nesta introdução é abordada em subseções específicas e, finalmente, algumas considerações gerais encerram o artigo, na seção 6.

## 2. Gramática de Construções baseada no uso – GCBU

O marco fundador da Gramática de Construções (daqui em diante, denominada GC) como um construto teórico remete à segunda metade da década de 80 (cf. FILLMORE, KAY E O’CONNOR, 1988; LANGACKER, 1987; LAKOFF 1987), com trabalhos que questionavam a concepção de língua predominante na época, qual seja, a de uma divisão discreta entre o léxico, como o domínio das palavras e das idiossincrasias, e a sintaxe, como o domínio das operações regulares e puramente estruturais, perspectiva apontada por Hilpert (2014) como “abordagem da gramática e do dicionário”. A GC emerge como uma crítica a essa concepção, sugerindo que o conhecimento linguístico do falante não se divide em sintaxe e léxico, mas, sim, consiste em um inventário estruturado de unidades simbólicas convencionalizadas, que pareiam, por um lado, forma e, por outro, significado/função (cf. GOLDBERG, 1995, 2006) – as assim chamadas construções, que podem incluir, em seu polo formal, informações fonológicas, morfológicas e/ou sintáticas e, no polo do significado/função, informações de cunho semântico, pragmático e/ou discursivo funcional (cf. CROFT 2001). O inventário dessas unidades seria estruturado, em linhas gerais, na forma de uma rede de relações taxonômicas hierárquicas, variando em níveis de esquematicidade e abstração, sem serem postulados níveis subjacentes de representação.

Todas as abordagens linguísticas consideradas construcionistas compartilham, de forma geral, os postulados supracitados, basilares para a discussão pretendida na seção 5 deste trabalho. No entanto, dentre esse conjunto de abordagens, há um subgrupo que se destaca das demais versões construcionistas, por ser considerado “baseado no uso” (*usage-based*) e cujas principais premissas serão especificadas abaixo, a título de maior clareza sobre a fundamentação teórica deste trabalho.

Para que uma versão da GC seja considerada baseada no uso, ela precisa ter um forte comprometimento com ao menos dois pressupostos básicos: (a) a concepção de que o conhecimento linguístico do falante emerge a partir de eventos de uso, ou seja, a partir da experiência que o falante tem com a linguagem; e (b) a prerrogativa de que tal conhecimento se organiza a partir da aplicação, pelo usuário da língua, de processos cognitivos de domínio geral, **não exclusivamente linguísticos**, como por exemplo, os defendidos por Langacker (1987) e Bybee (2010), a saber, rotinização cognitiva, esquematização, categorização, analogia, abstração, associação, armazenagem mnemônica rica<sup>3</sup>. Esses pressupostos são fundamentais para qualquer perspectiva baseada no uso, porque nessa concepção é de se esperar que o mecanismo de aquisição da linguagem envolva grande dose de aprendizado, da mesma forma que a aquisição de outras formas de conhecimento a partir da experiência, afinal, tal como afirma Goldberg (2006, p. 59) “conhecimento linguístico é conhecimento”.

A esse propósito, atenção especial é dada à forma com a qual o conhecimento linguístico do falante é categorizado. A todo momento que nos deparamos com instâncias de uso da língua, como em outros domínios cognitivos, processos de comparação e associação entram em cena, para que possamos desenvolver as habilidades de abstração, esquematização e categorização. Por exemplo, se um falante se depara recorrentemente com padrões linguísticos como *João comeu o bolo*, *O rapaz comeu o queijo*, *O colega comeu mosca* etc, instâncias desse tipo vão sendo comparadas, e sua estrutura formal e significado **são associados e/ou dissociados, a fim de que o falante possa categorizar um** padrão de representação mais abstrato, organizado na forma de um esquema do tipo ‘S comer O’, que, por sua vez, ao ser comparado com outros padrões linguísticos, como ‘S chutar O’, ‘S bater O’, permite a abstração de um padrão formal ainda mais genérico, do tipo [S V O], pareado com um significado generalizado como [AGENTE AGE SOBRE PACIENTE]. A imagem abaixo ilustra esse processo de categorização do conhecimento linguístico do falante<sup>4</sup>. Nela, observa-se um pequeno exemplo da representação em rede de relações taxonômicas, que se organizam a partir da aplicação de processos cognitivos de domínio geral, tais como os supracitados. A rede na figura consegue dar conta tanto de padrões construcionais mais abstratos, permitindo que o falante organize o conhecimento que possui acerca de uma oração transitiva do tipo SVO, bem como de padrões construcionais mais específicos como as expressões ‘S comer mosca’, ‘S bater boca’, ‘S chutar o

3 Há uma vasta literatura em que se defende o uso das habilidades cognitivas de domínio geral para justificar os universais da língua. A propósito desses processos, conferir Langacker (1987, 1991, 2000, 2008), Barlow e Kemmer (2000), Bybee (2010), .

4 Convencionalizou-se rotular as construções apenas pelo seu viés formal, quando de sua representação em rede. Tal caracterização almeja simplesmente maior economia de espaço na menção às construções, sem contudo ignorar a existência do polo semântico das construções.

balde’, ‘S armar (um) barraco’ que, por apresentarem caráter idiossincrático e menos composicional, são categorizadas como nós específicos na rede.

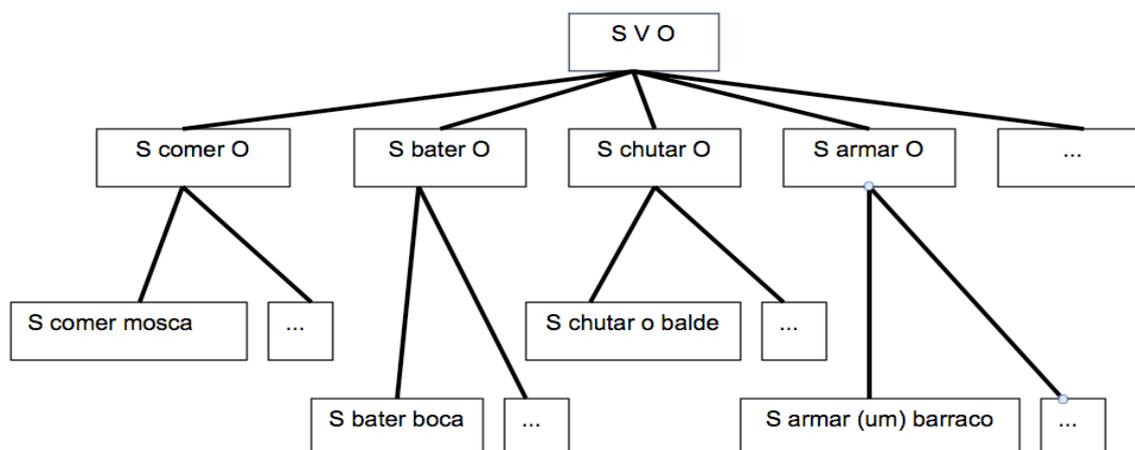


Figura 1. Representação esquemática da hierarquia taxonômica da construção SVO em português.

Além disso, se determinado padrão for consideravelmente frequente na língua, a despeito de exibir algum aspecto idiossincrático, poderá também ser configurado como um nó específico e independente. Conclui-se daí que o falante, em contato com instâncias concretas de uso, aplica os processos citados a ponto de desenvolver uma rede robusta e representativa de seu conhecimento linguístico, processo que ocorre desde o período inicial de aquisição da linguagem pelo falante, bem como no decorrer de toda a sua vida, criando-se novos nós e configurações para essa rede construcional, a depender não somente do nível de especificidade das instâncias linguísticas com as quais o falante se depara, mas também da frequência de tais instâncias no uso real da língua. Nesse sentido, tal como sugerido por Langacker (2000, p. 1-2) é possível dizer que um modelo baseado no uso (como a GCBU) é *maximalista* e *não redutivo*, porque a gramática seria massiva e altamente redundante, consistindo em uma abordagem *de baixo para cima* (*bottom up*), pois, nessa concepção, o geral surge a partir do específico, que é o que está mais diretamente ligado à experiência.

É possível mencionar, ainda, uma terceira propriedade importante da GCBU, que será utilizada para a análise apresentada na seção 5, a saber, o papel central atribuído à motivação das formas linguísticas. Seguindo essa linha, Lakoff (1987) defende que, quando construções novas surgem na língua, elas não são aleatórias, mas, pelo contrário, são motivadas por estruturas pré-existentes, da mesma forma que novos sentidos de palavras são motivados por sentidos já existentes. Nesse sentido, Goldberg (1995, p. 67) propõe o princípio da motivação maximizada, segundo o qual se duas construções estão relacionadas formalmente, devem manter também algum tipo de relação semântica.

Um exemplo de como a motivação pode ser aplicada às construções é fornecido por Goldberg (2006, p. 218-19), quando argumenta, com base em Langacker (1987), que as peças de roupa de baixo em inglês (*pants, shorts, knickers, kulots, leggings, etc.*), que ocorrem exclusivamente no plural, são motivadas pelo fato de que os referentes envolvidos apresentam uma estrutura bipartida, cada parte para uma perna, o que explica também por que *skirt* e *wrap* não são originalmente plurais. Portanto, como a construção de plural do inglês e a construção de roupas de baixo possuem a mesma forma, assim como significados relacionados, pode-se dizer que esta última é motivada pela primeira. Nesse sentido, é possível falar sobre uma relação de herança.

A noção de herança foi adotada a partir de estudos em inteligência artificial e linguagem de programação, como um mecanismo para designar classes ou objetos que se valem de propriedades de outras classes ou objetos (cf. GOLDBERG 1995, LEITE DE OLIVEIRA 2017). Considerando o exemplo acima, fornecido por Goldberg (2006), é possível motivar a construção de roupas de baixo em inglês por meio de uma relação de herança, em que a construção de roupas de baixo se baseia nas propriedades formais da construção abstrata de plural, por manter com ela alguma relação em termos semânticos, como a expressão de algum aspecto de pluralidade. Se as relações taxonômicas entre as construções permitem entender o processo de categorização linguística a partir do qual o usuário da língua desenvolve o modelo de representação cognitiva da linguagem, a noção de herança, por seu turno possibilita motivar a existência de construções na língua.

Mais um exemplo de herança é fornecido por Goldberg e Van Der Avera (2012), quando investigam a construção “X is to Y” (como em ‘*the match is to begin at 11 pm*’), buscando motivar algumas propriedades dessa construção a partir de algumas das propriedades de construções existentes, tais como a construção copulativa de *Sujeito-predicado*, a construção de *auxiliar modal* e a *construção de complemento infinitivo*, ao mesmo tempo em que a construção “X is to Y” exibe um significado particular, que não pode ser previsto a partir da combinação dessas construções. Esse tipo de análise, sugerida por abordagens construcionistas baseadas no uso, ressalta, ao mesmo tempo, a não previsibilidade do signo linguístico, bem como sua não arbitrariedade, da mesma forma que focaliza a relação entre construções na língua, por meio de um modelo de rede, em que diversas construções mantêm algum tipo de relação entre si. Na subseção 5.2 da seção 5 deste artigo, observaremos como a questão da herança pode ser utilizada para motivar construções pseudoclivadas em uma língua.

Para as finalidades deste artigo, o breve panorama apresentado nesta seção sobre a GCBU será suficiente. Na próxima seção, são apresentados, também em linhas gerais, alguns conceitos básicos

sobre a EI, importantes para a perspectiva construcionista empreendida neste trabalho.

### 3. Estrutura da informação em GCBU

Em GC, o importante trabalho de Lambrecht (1994, 2000, 2001) constitui referência primordial acerca da estrutura da informação e sua relação com a gramática. De acordo com o estudioso, a estrutura da informação pode ser definida tal como explicitado abaixo:

“... componente da gramática da sentença, em que proposições como representações conceptuais de estados de coisas são pareadas com estruturas lexicogramaticais, de acordo com os estados mentais dos interlocutores, que usam e interpretam essas estruturas como unidades de informação em dados contextos discursivos<sup>5</sup>” (cf. LAMBRECHT, 1994, p. 5).

Essa definição, além de revelar a perspectiva construcionista adotada pelo estudioso, quando indica que estruturas lexicogramaticais são pareadas com representações conceptuais, introduz uma série de conceitos que requerem alguns esclarecimentos. Para Lambrecht (1994), a estrutura da informação se subdivide em três dimensões específicas: a das proposições; a da representação mental dos referentes do discurso; e, por fim, a das relações pragmáticas de relevância e previsibilidade das proposições e seus elementos em dadas situações discursivas.

É no que diz respeito à primeira dimensão que Lambrecht utiliza as noções de informação velha e informação nova, tão frequentes em estudos sobre estrutura da informação. Aqui cabe ressaltar que as noções de informação velha e informação nova referem-se às proposições e não são aplicadas a elementos lexicais ou sintáticos isoladamente. As proposições seriam representações conceptuais de estados de coisas e se estruturariam pragmaticamente em porções pressupostas e não pressupostas, ao que o autor atribui os rótulos de pressuposição pragmática e asserção pragmática, respectivamente, definidas abaixo e contidas em Lambrecht (1994, p. 52):

**PRESSUPOSIÇÃO PRAGMÁTICA:** o conjunto de proposições evocadas de forma léxico-gramatical em uma sentença, as quais o falante considera que o ouvinte já conhece ou está disposto a assumir como dadas no momento em que a sentença está sendo enunciada<sup>6</sup>.

**ASSERÇÃO PRAGMÁTICA:** a proposição expressa por uma sentença que se espera que o

---

5 No original: “... component of sentence grammar in which propositions as conceptual representations of states of affairs are paired with lexicogrammmatical structures in accordance with the mental states of interlocutors who use and interpret these structures as units of information in given discourse contexts.

6 No original: **PRAGMATIC PRESSUPPOSITION:** The set of propositions lexicogrammmatically evoked in a sentence which the speaker assumes the hearer already knows or is ready to take for granted at the time the sentence is uttered.

ouvinte passe a conhecer como o resultado de ouvir a sentença enunciada<sup>7</sup>.

A título de exemplo e para que a discussão na seção 5 possa se dar de forma mais clara, observe-se o exemplo (1.a-b), extraído de Lambrecht (1994, p. 209):

(1) [LAMBRECHT, 1994, p.209]

a. Where did you go last night?

b. I went to the MOVIES.

Com base em Lambrecht (1994), é possível afirmar que o enunciado contido em (1.b) evoca ao menos uma pressuposição pragmática, isto é, o falante considera que o ouvinte já conhece ou está disposto a assumir como dada a proposição de que o falante foi a algum lugar, o que pode ser caracterizado nos termos de Prince (1986) e Lambrecht (2001), como uma proposição aberta pressuposta. Além disso, seguindo o raciocínio de Lambrecht (1994), a informação veiculada pela sentença contida em (1.b) não é MOVIES, mas sim, a proposição abstrata *The place I went to last night was the movies*, que consiste, portanto, na asserção pragmática, ou seja, a informação que se espera que o ouvinte passe a conhecer como o resultado de ter ouvido a sentença enunciada.

Em relação à segunda dimensão da estrutura informacional proposta por Lambrecht (1994), qual seja, a da representação mental dos referentes do discurso, cabe mencionar o nível de identificabilidade dos referentes no discurso. De acordo com o estudioso, quando o falante deseja fazer uma asserção que envolve alguma entidade que ele assume que ainda não foi representada na mente de seu interlocutor e que não pode ser referida de forma dêitica, faz-se necessário criar uma representação desse referente por meio de descrição linguística, que possa vir a ser referida de forma anafórica no discurso subsequente. Com vistas a dar conta da diferença entre entidades para as quais o falante considera que o ouvinte já possui uma representação em sua mente e aquelas para as quais o falante assume que o ouvinte ainda não possui representação, Lambrecht (1994) postula, com base em Chafe (1976), a categoria cognitiva de *identificabilidade*. Para o estudioso a distinção entre referentes identificáveis e não identificáveis está conceptualmente vinculada à relação entre pressuposição e asserção, só que no nível da representação mental dos referentes no discurso. Referentes não identificáveis seriam aqueles para os quais ainda não existe uma representação compartilhada entre falante e ouvinte, ao passo que referentes identificáveis seriam aqueles para os quais já existe uma representação compartilhada.

---

7 No original: PRAGMATIC ASSERTION: The proposition expressed by a sentence which the hearer is expected to know or take for granted as a result of hearing the sentence uttered.

Valendo-se das contribuições de Prince (1981) e Chafe (1988), Lambrecht (1994) sugere uma divisão entre referentes identificáveis e não identificáveis, em que seria possível observar algumas correlações formais, tais como *proeminência prosódica*, uma vez que referentes não identificáveis tendem a ser expressos com proeminência maior prosódica do que elementos identificáveis; *pronominalização*, pois referentes identificáveis geralmente podem ser pronominalizados, o que não ocorre com referentes não identificáveis; *marca de definitude*, ao passo que referentes identificáveis tendem a ser expressos com marcas que carregam o traço [+definido], diferentemente do que ocorre com referentes não identificáveis. Lambrecht (1994) se aprofunda na caracterização da categoria cognitiva de identificabilidade, fornecendo subcategorizações relacionadas aos estados de ativação dos referentes no discurso, porém, para as finalidades deste artigo, a caracterização identificável/não identificável será suficiente.

Por fim, aborda-se aqui a dimensão relativa à relevância e previsibilidade das proposições e seus elementos em determinadas situações discursivas. Nesse caso, são relevantes as noções de tópico e foco. Em seu livro, Lambrecht (1994) dedica parte considerável a essas duas categorias, caracterizando-as tal como segue:

**Tópico:** “aquilo de que trata a proposição expressa pela sentença”<sup>8</sup>. (LAMBRECHT 1994, p. 118)

**Foco:** “o componente semântico de uma proposição pragmaticamente estruturada em que a pressuposição difere da asserção”<sup>9</sup>. (LAMBRECHT 1994, p. 213)

A noção de tópico adotada por Lambrecht (1994, p.118), tal como o próprio estudioso declara, assemelha-se à tradicional definição de “sujeito”, mas essas duas noções não devem ser compreendidas da mesma forma. De acordo com o estudioso, embora em algumas construções de diversas línguas possa haver coincidência entre essas duas categorias, tópicos não configuram sujeitos gramaticais e sujeitos gramaticais não são necessariamente tópicos. Um exemplo de construção em que o sujeito e o tópico são nitidamente distintos é a construção  $SN_{pleno} + SN_{pronominal\ anafórico}$  do português brasileiro, instanciada em (2):

(2) [VIEIRA 2014, p. 54]

É... *as lojas norMAIS* elas vendem a P de um preço, a G de outro, a GG de outro.

8 No original, “...the thing which the proposition expressed by the sentence is about.”

9 No original: “The semantic component of a pragmatically structured proposition whereby the assertion differs from the presupposition”.

No exemplo acima, extraído de Vieira (2014), o SN em itálico *as lojas norMAIS* consiste no tópico da sentença, ou seja, no assunto de que trata a proposição expressa pela oração *elas vendem a P de um preço, a G de outro, a GG de outro*, a qual apresenta informação relevante sobre o assunto em questão.

No que diz respeito à categoria de foco, as noções de pressuposição e asserção pragmáticas supracitadas são especialmente importantes, a fim de que se tenha total compreensão da definição de Lambrecht reproduzida acima. Retomando o exemplo contido em (1.b), *the MOVIES* pode ser considerado o foco da sentença, pois seu *denotatum* encontra-se em uma relação pragmaticamente construída com a proposição expressa, de maneira que seu acréscimo torna parte do enunciado informação nova, aquilo que diferencia a proposição aberta (ou pressuposição pragmática) *I went to X* da asserção pragmática “X deve ser identificado como *the movies*”, de tal forma que o falante apresenta *the movies* como não recuperável ou não previsível pelo o ouvinte. Nesse sentido, pode-se afirmar que a categoria de foco só pode ser compreendida na interface entre pressuposição e asserção. Na seção 5, veremos em maior detalhe como essa interface pode ser representada, quando da descrição da construção pseudoclivada.

Identificadas as três dimensões sugeridas por Lambrecht (1994), passa-se agora à seção 4, em que alguns aspectos metodológicos referentes aos dados utilizados para análise são apresentados.

#### 4. Aspectos metodológicos

Como observado acima, na seção 2, um dos pressupostos teóricos fundamentais da GCBU é a compreensão de que o uso afeta a representação cognitiva da língua, ou seja, a gramática. Dessa forma, os estudiosos orientados por uma concepção baseada no uso defendem que a língua em uso é a melhor evidência que se tem para determinar a natureza e a organização específica dos sistemas linguísticos. A esse respeito, Givón (2012) ressalta a importância de se estudar *a fala real em contexto* para a linguística enquanto ciência, salientando, inclusive, que “a linguística nunca deveria tomar a conveniência metodológica da *competência* e elevá-la ao nível de significância metodológica primordial” (GIVÓN, 2012, p. 41).

Para dar conta de discutir as questões elencadas na introdução deste artigo, investigam-se construções pseudoclivadas do russo, contrastadas com pseudoclivadas do português e do inglês. Assim, como recurso metodológico, recorro à análise qualitativa de dados reais de uso dessas línguas,

extraídos, respectivamente, do Corpus Nacional da Língua Russa (*Natsyonalnyi korpus russkogo iazyka* - NKRIA), do Corpus do Português (CP) e do Corpus do Inglês Americano Contemporâneo (*Corpus of Contemporary American English* - COCA)<sup>10</sup>. Os dados analisados correspondem à modalidade escrita da língua, em registros e gêneros textuais variados.

A coleta de construções pseudoclivadas nas línguas analisadas, nos três *corpora* utilizados, se deu a partir de uma busca não exaustiva pelas palavras *QU kto* (кто), *tchto* (что), em russo, *quem* e *o que*, em português e *what* e *who*, em inglês, que consideram o traço de animacidade do referente. Evidentemente, para cada idioma a busca retornou instâncias de diversas construções, além das analisadas neste artigo, as quais foram eliminadas da análise. Para cada língua foram analisadas aproximadamente 20 instâncias.

Na próxima seção, procede-se à discussão das questões elencadas na introdução, a partir da análise das construções em pauta na língua russa e de eventuais comparações dessas construções com suas contrapartidas em português e inglês.

## **5. Estrutura da informação e GCBU: um estudo das construções pseudoclivadas**

Nesta seção, discutem-se duas questões importantes para os estudos em GCBU, organizadas em duas subseções. Na primeira subseção, que trata da descrição e motivação da construção pseudoclivada, como uma construção de estrutura da informação, apontam-se os aspectos da forma e do significado/função da construção em língua russa, contrastando-a, sempre que se fizer relevante, com o português brasileiro e o inglês, para em seguida ser apresentado o padrão de motivação para a existência dessa construção. Na segunda subseção, pretende-se discorrer brevemente sobre possíveis implicações tipológicas de uma visão construcionista sobre a estrutura da informação.

### **5.1. Estrutura da informação: descrição e motivação em GCBU**

#### **5.1.1 Descrição da construção pseudoclivada**

A construção pseudoclivada tem sido objeto de estudo de diversos pesquisadores, sendo classificada por Hilpert e Koops (2009) e Hilpert (2014) como uma construção de estrutura da informação e por Braga et al. (2013) como uma construção de foco. De maneira geral, ela integra o

---

<sup>10</sup> Tais *corpora* podem ser acessados em <http://ruscorpora.ru>, <https://www.corpusdoportugues.org>, <https://corpus.byu.edu>, respectivamente.

grupo das assim chamadas construções clivadas e pode ser caracterizada, nos termos de Lambrecht (2001, p. 467), de seguinte forma:

“... uma estrutura complexa que contém uma oração matriz, cujo núcleo é uma cópula, e uma oração relativa ou tipo relativa, em que o argumento relativizado é coindexado com o elemento que constitui o predicativo da cópula. Juntas, matriz e relativa expressam uma proposição logicamente simples, que poderia ser expressa na forma de uma única oração, sem alteração nas condições de verdade<sup>11</sup>.”

Tal discussão dialoga em parte com Prince (1978), que argumenta que uma sentença do tipo apresentado em (3) evoca o mesmo conteúdo lógico que a sentença exibida em (4).

(3) Português (CP)

... quem inventou o termo “cozinha” foi a minha amiga de infância...

(4) Minha amiga de infância inventou o termo “cozinha”.

O exemplo (3) exhibe uma construção pseudoclivada do português. O conteúdo lógico ou, nos termos de Lambrecht (1994, 2001), a proposição expressa pela construção pseudoclivada em (3) e pela sentença contida em (4), uma sentença simples do tipo SVO, pode ser considerada a mesma, qual seja a proposição “Minha amiga de infância inventou o termo ‘cozinha’”. No entanto, a forma com a qual a informação está sendo apresentada nessas duas sentenças difere substancialmente. Em línguas como português, inglês e russo, a ordem vocabular básica SVO, pronunciada com marcação prosódica neutra exhibe uma estrutura da informação do tipo tópico-comentário, em que o sujeito geralmente assume o papel do tópico e o predicado assume o papel do comentário, caracterizando o tipo não marcado de estrutura focal de línguas desse tipo, qual seja, a estrutura de foco de predicado, tal como é possível conferir em Van Valin e LaPolla (1997) e Lambrecht (2000). Quando se faz uso de uma construção pseudoclivada nessas línguas, a estrutura da informação já não se organiza mais de forma não marcada e assume uma configuração conhecida como estrutura de foco argumental, na qual apenas um dos componentes da sentença ocupa posição focal<sup>12</sup>. Em uma construção pseudoclivada clássica, como a indicada em (3), com um exemplo do português, o constituinte focalizado ocorre ao

<sup>11</sup> a complex structure consisting of a matrix clause headed by a copula and a relative or relative-like clause whose relativized argument is coindexed with the predicative argument of the copula. Taken together, the matrix and the relative express a logically simple proposition, which can also be expressed in the form of a single clause without a change in truth conditions.

<sup>12</sup> Vale destacar, além da configuração focal apresentada pela construção clivada, o seu papel como marcadora de contraste, explícito ou não no contexto discursivo (cf Leite de Oliveira 2017a).

final da sentença, da mesma maneira que em língua russa, para a qual apresenta-se um exemplo em (5):

(5) Russo (NKRIA)

<i>Karikózov</i>	<i>ustróilsia</i>	<i>v</i>	<i>diviziónn-om</i>	<i>lazarét-e.</i>	<i>Éto</i>					
Karikošov	empregar-PAS-REF	em	de divisão-PRE	hospital-PRE	DEM					
<i>ujé</i>	<i>v</i>	<i>týl-u</i>	<i>i</i>	<i>tam</i>	<i>ujé</i>	<i>nié</i>	<i>vgoniáli</i>	<i>iegó</i>	<i>v</i>	<i>oznób</i>
já	em	retaguarda-PRE	e	lá	já	NEG	fazer entrar	3S.AC	em	calafrio
<i>i</i>	<i>oniemiénie</i>	<i>triéskotnia</i>	<i>vintóvok</i>	<i>i</i>	<i>zakhliébyvaiuchieiesia</i>					
e	entorpecimento	estalos	espingarda-GEN.PL	e	engasgado-REF					
<i>takánie</i>	<i>puliemiét-ov.</i>	<i>Komú</i>	<i>on</i>	<i>zavídoval</i>	<i>éto</i>					
batida	metralhadora-GEN.PL	quem-DAT	3S	invejar-PAS	DEM/COP					

***sanítár-am.***

**assistente de enfermagem-DAT.P**

Karikošov encontrou trabalho no hospital da divisão. Este já ficava na retaguarda e lá os estalidos das espingardas e a batida engasgada das metralhadoras não lhe causavam calafrios e entorpecimento. *Quem ele invejava eram os assistentes de enfermagem.*

Considerando a pseudoclivada em russo, em seu polo formal, é possível observar a presença de uma palavra QU, que, em consonância com a definição de Lambrecht, consiste em um dos argumentos da oração tipo relativa que a segue, uma cópula, que em russo obrigatoriamente se manifesta como a partícula copulativa invariável<sup>13</sup> *eto*. Por fim, é possível identificar o constituinte clivado, obrigatoriamente coindexado com a palavra QU que encabeça a construção. Assim, é possível apresentar o esquema formal presente na figura abaixo:



Figura 3. Representação esquemática do polo formal da construção pseudoclivada em russo.

Comparativamente, em línguas como o português e o inglês, a construção pseudoclivada exibe um padrão mais esquemático, na medida em que a cópula utilizada é do tipo verbal, que apresenta

13 O elemento *eto*, em russo, assume caráter gradiente, podendo ocorrer, a depender do contexto, como um pronome demonstrativo, como um marcador de foco ou como uma cópula. Para maiores detalhes, conferir Leite de Oliveira (2017a).

flexão e permite possibilidades de manifestação variadas, geralmente em correlação modo-temporal com o verbo da oração tipo relativa, como demonstram os exemplos (6. a-b), do português brasileiro, e (7. a-b), do inglês, em que seguem em negrito o verbo da oração tipo relativa e a cópula da construção clivada:

(6.a) Português (CP)

... nunca abandone a pessoa que te ama, pois eh muito ruim isso, já passei por isso. E quem **foi** abandonada **fui** eu.

(6.b) Português (CP)

O riso, porém saía amarelo, sem vontade. Quem **ria** a valer **era** Laport, o “« Zé Pinha “» de cara rechonchuda.

(7.a) Inglês (COCA)

What **is** interesting to note **is** the contrast to the previous exhibit, where fee loads

(7.b) Inglês (COCA)

What they **should** have done **was** sue the United States

Diante do uso de cópula verbal, geralmente em uma correlação modo-temporal entre o verbo da oração tipo relativa e da cópula, o padrão formal da pseudoclivada em português e inglês pode ser compreendido tal como descrito na figura 4.

Português	Inglês
$QU_i X SER_{flex} Y_i$	$QU_i X BE_{flex} Y_i$
Correlação modo temporal entre o verbo da construção clivada e a cópula	Correlação modo temporal entre o verbo da construção clivada e a cópula

Figura 4 Representação esquemática da forma das construções pseudoclivadas do português e do inglês

Ainda no polo formal e considerando a ocorrência de pseudoclivadas do russo, do português e

do inglês, observa-se que, nas duas últimas **línguas**, a inversão é permitida, ao passo que em russo o procedimento de inversão torna a sentença inaceitável<sup>14</sup>. Tem-se por inversão, a possibilidade de ocorrência do constituinte clivado deslocado à esquerda, seguido da oração tipo relativa, como em construções do tipo pseudoclivada invertida, que assumem a configuração  $[Y_i \text{ COP } QU_i \text{ X}]$ . Tomem-se, a título de comparação, os exemplos (8a-b), (9a-b), do português e do inglês, respectivamente, e (10a-b), da língua russa.

(8a) Português (CP)

Se estiver comigo, é porque me quer e isso já basta. Aliás, *isso é o que basta*. [pseudoclivada invertida]

(8b) Português

“O que basta é isso” [pseudoclivada clássica]<sup>15</sup>

(9a) Inglês (COCA)

... students know what balance sheets, profit-and-loss statements, and cash flow statements are. *What is missing is an understanding of the investor mindset*. [pseudoclivada clássica]

(9b) Inglês

“An understanding of the investor mindset is what is missing.” [pseudoclivada invertida]

(10a) Russo (NKRIA)

Vot	uj	kto	lga-l	i	pod	prisiágoi	i	biéz	nieió
PAR	PAR	quem	men-	e	sob	juramen-	e	sem	3S.GEN
			tir-PAS			to-INS			

14 Em Leite de Oliveira (2017a) foram realizados testes de aceitabilidade com falantes nativos de russo, no que se refere à propriedade de inversão do padrão  $QU_i\text{-X ETO } Y_i$ , sugerindo alternativas como  $Y_i \text{ ETO } QU_i\text{-X}$  e  $\text{ETO } Y_i \text{ QU}_i\text{-X}$ . O resultado do teste indicou que somente a construção clivada clássica, que exibe o padrão  $QU_i\text{-X ETO } Y_i$  é aceitável em russo.

15 Exemplo inventado com base no exemplo (8a)

*éto kommunist-y!* Lgá-l-i svérkhu donízu pogolóvno rádi  
 COP comunista-PL mentir-PAS-PL de cima a baixo sem exceção por

privilégi-i rádi vlást-i i prósto po privýtchk-e.  
 privilégio-GEN por poder-GEN e simplesmente por hábito-DAT

Pois, quem mentia, com ou sem juramento, eram os comunistas! Mentiam de cima a baixo, sem exceção, em defesa de seus privilégios, de seu poder e simplesmente por hábito.  
 [Pseudoclivada clássica]

(10b) Russo

\**Kom- éto kto lga-l i pod prisiágoi i biéz nieió*  
*muníst-y*  
 comunista-PL COP quem mentir-PAS e sob juramento-INS e sem 3S.GEN  
 \*Os comunistas eram quem mentia, com ou sem juramento! [Pseudoclivada invertida]

No polo do significado, a estrutura da informação constitui o aspecto caracterizador da construção pseudoclivada, a qual pode ser compreendida como um tipo de construção de foco argumental, em que apenas um dos constituintes da sentença encontra-se em posição focal. Considerando os exemplos (3) e (4), é possível depreender, como já dito, que ambos os enunciados evocam a proposição “minha amiga de infância criou o termo ‘coxinha’”. Contudo, apenas o enunciado (3), representativo de uma construção pseudoclivada, evoca a pressuposição de que “alguém criou o termo ‘coxinha’”. O exemplo (4), se lido como uma declarativa neutra, permite a interpretação de que o foco da sentença é “inventou o termo ‘coxinha’”, caracterizando-se como uma construção de foco de predicado, como já dito anteriormente (cf. Van Valin 1997, Lambrecht 2000). Já em (3), o foco é “minha amiga de infância”. Considerando a proposta de Lambrecht (1994, 2001), a estrutura da informação de (3) poderia ser descrita, tal como observado em (11):

(11) Português

**Sentença:** “quem inventou o termo “coxinha” foi a minha amiga de infância”

**Proposição:** “minha amiga de infância inventou o termo ‘coxinha’”.

**Pressuposição pragmática:** “X inventou o termo ‘coxinha’”

**Asserção pragmática:** “X = minha amiga de infância.”

**Foco:** “minha amiga de infância”

A partir das definições de pressuposição pragmática, asserção pragmática e foco, propostas por Lambrecht (1994, 2000, 2001) e apresentadas na seção 3 acima, é pode-se sugerir que a construção pseudoclivada, representada pelo enunciado (3), evoca a proposição aberta pressuposta (ou pressuposição pragmática) “X inventou o termo ‘coxinha’”, como o conjunto de conhecimentos que o falante assume que o ouvinte dispõe antes de a sentença ser enunciada. A asserção pragmática, como o conjunto de conhecimentos que o falante assume que o ouvinte adquire em decorrência do fato de ter ouvido a sentença é a relação de identificação de X (alguém) com ‘minha amiga de infância’. Finalmente, o foco como o componente capaz de permitir que o ouvinte diferencie asserção e pressuposição na interpretação da sentença pode ser identificado, na sentença em questão, como “minha amiga de infância”. O mesmo tipo de interpretação apresentado em (11) pode ser sugerido para o enunciado (5) do russo, tal como expresso no exemplo (12), abaixo:

(12) Sentença: *Komú on zavídoval éto sanitar-am*  
quem-DAT 3S invejar-PAS DEM/COP assistentes de enfermagem-DAT  
Quem ele invejava eram os assistentes de enfermagem.

**Proposição:** *On zavídoval sanitaram* (ele invejava os assistentes de enfermagem).

**Pressuposição pragmática:** “*On zavídoval X*” (Ele invejava X)

**Asserção pragmática:** “X = *sanitaram*” (assistentes de enfermagem)

**Foco:** “assistentes de enfermagem”.

Da mesma forma que em português e em russo, esse tipo de análise pode ser aplicado às construções pseudoclivadas do inglês, tal como caracterizado no exemplo (13) abaixo, que retoma o exemplo (7b):

(13) Inglês

**Sentença:** *What they should have done was sue the United States*

**Proposição:** *They should have sued United States.*

**Pressuposição pragmática:** They should have done X

**Asserção pragmática:** X=sue the United States

**Foco:** “sue the United States”

A descrição acima apresentada consegue dar conta da dimensão das proposições, bem como da dimensão das relações pragmáticas de relevância e previsibilidade das proposições e seus elementos em determinadas situações discursivas. Falta ainda dar conta da dimensão da representação mental dos referentes no discurso.

Uma forma de analisar essa dimensão é considerando a categoria cognitiva de identificabilidade, que pode ser evidenciada a partir do constituinte que expressa o referente focal. Em Leite de Oliveira (2017a) observou-se, por meio de uma análise quantitativa, que parte considerável dos constituintes clivados encontrados em pseudoclivadas do russo expressava referentes não identificáveis, para os quais seria necessário, tal como discutido por Lambrecht (1994), fazer a apresentação via descrição linguística, tal como se verifica no exemplo (14), o que não quer dizer que elementos identificáveis não sejam possíveis na construção, principalmente se considerarmos sua função contrastiva, tal como no exemplo (15)<sup>16</sup>:

(14) Russo [NKRIA]

<i>Tchto</i>	<i>poraja-iet</i>	<i>v</i>	<i>Rossi-i</i>	<i>natchal-a</i>	<i>prochlogo</i>	<i>veka</i>	<i>tak</i>
O que	surpreender	em	Rússia-PRE	início-GEN	passado- GEN	século-GEN	PAR
	-3S						
<i>eto</i>	<i>obilie</i>	<i>vsiak-o- go</i>	<i>rod-a</i>	<i>s'iezd-ov</i>	<i>i</i>	<i>sovietov</i>	
COP	abundância	todo- GEN	gênero- GEN	congresso- GEN	e	conselho-GEN	

O que surpreende na Rússia do início do século passado é **a abundância de todo gênero de congressos e conselhos.**

<sup>16</sup> No que diz respeito ao português e ao inglês, não há notícias de uma análise quantitativa que considere os fatores contidos em Lambrecht em termos da categoria cognitiva de identificabilidade

(15) Russo [NKRIA]

<i>– obeziá- na</i>	<i>prevratílas'</i>	<i>v</i>	<i>tchelovié- ka</i>	<i>kogdá</i>	<i>nautchilas'</i>	<i>razlitchát'</i>	<i>na</i>	<i>tchto</i>
maca- co	tranfor- mar-PAS-REF	em	homem- AC	quan- do	aprender	distinguir	em	que
	<i>nádo</i>	<i>obrachiát'</i>	<i>vnimánie</i>	<i>a</i>	<i>na</i>	<i>tchto</i>	<i>niét.</i>	
necessário	voltar	atenção	e	em	que	NEG		
<i>– A</i>	<i>vot</i>	<i>éto</i>	<i>ujé</i>	<i>grúbo.</i>				
e	DEM	DEM	já	grosseiro.				
<i>Prost-ítie</i>	<i>pojáluista.</i>	<i>Kogó</i>		<i>íá</i>		<i>mién'ch</i>	<i>vsegó</i>	
descul- par-IMP	por favor	quem-AC		1S		menos	tu- do-GEN	
<i>khotié-l</i>	<i>obidiét'</i>			<i>tak</i>	<i>éto</i>	<i>vas.</i>		
querer.IMPF- PAS	ofender			PAR	DEM/COP	2S.AC		

- O macaco se transformou em homem, quando aprendeu a distinguir em que deve prestar atenção e em que não deve.
- E isso já foi uma grosseria.
- \_Desculpe-me, por favor Quem eu menos que tudo queria ofender era você.

Considerando-se a interpretação supracitada, sugere-se a representação geral e abstrata<sup>17</sup> da construção pseudoclivada em russo, como um pareamento de forma e significado, presente na figura 5<sup>18</sup>.

17 Evidentemente, a depender do tipo de cena codificado pela construção, pode haver mudanças no polo da forma e do significado, tais como o tipo de palavra QU envolvido e conseqüentemente no tipo de constituinte que será focalizado, ou na estrutura argumental da oração X que apresenta a palavra QU como um de seus argumentos.

18 A representação abstrata da construção pseudoclivada em português brasileiro e inglês será apresentada em trabalhos subseqüentes, pois requer observações empíricas mais aprofundadas, que incluem, por exemplo, o grau de identificabilidade dos referentes nesse tipo de construção em ambas as línguas.

<p>FORMA:</p> <p><math>QU_i-X ETO Y_i</math></p> <p>Palavra QU como argumento de oração tipo relativa, seguida de cópula e do constituinte focalizado coindexado com a palavra QU</p> <p><b>Restrição:</b> a construção pseudoclivada em russo não admite inversão.</p>
<p>FUNÇÃO<sup>1</sup>:</p> <p>FOCO ARGUMENTAL</p> <p>Evocação de uma proposição aberta em que um referente X é identificado por meio de uma asserção pragmática</p> <p>*Há preferência por referentes não identificáveis no slot relativo ao constituinte focalizado.</p>

Figura 5. Representação da construção pseudoclivada em russo

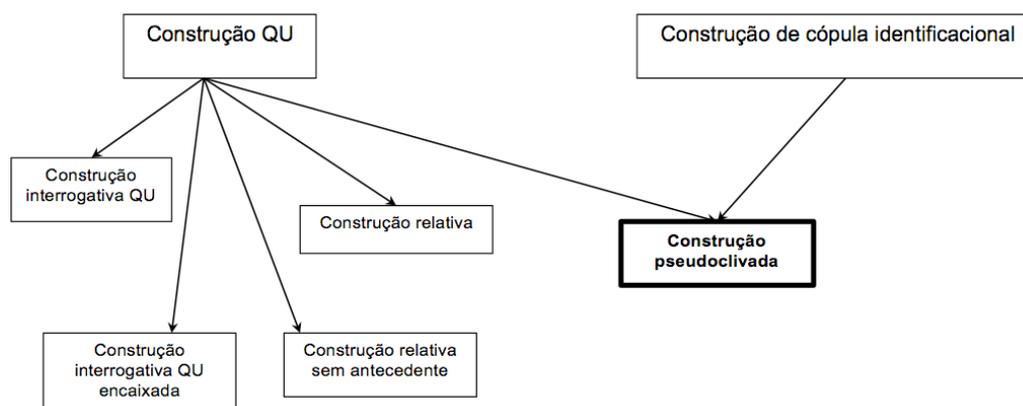
Uma vez apresentada uma breve discussão sobre a descrição de aspectos da estrutura informacional da construção pseudoclivada na língua russa, contrastando-a, quando relevante, com pseudoclivadas do português e do inglês, passa-se agora à discussão sobre a motivação da construção pseudoclivada no russo em comparação com línguas como o português e o inglês.

### 5.1.2. Motivação da construção pseudoclivada

Na trilha dos estudos linguísticos de orientação funcional-cognitivista, a GCBU busca encontrar motivações para a existência de construções na língua (cf. LANGACKER, 1987; LAKOFF, 1987; GOLDBERG, 1995, 2006). De acordo com a literatura especializada, essas motivações podem ser contempladas por meio do mecanismo de herança já descrito na seção 2 deste artigo. Se para o português e para o inglês, a definição de construção clivada proposta por Lambrecht (2001) já apresenta em parte e indiretamente os nós construcionais a partir dos quais as construções pseudoclivadas dessas línguas podem herdar propriedades, em russo a construção pseudoclivada requer um olhar mais aprofundado em sua estrutura informacional. Para o português, o inglês e parcialmente para o russo, é possível postular relações de herança das propriedades da construção de cópula identificacional e das propriedades da construção abstrata QU, da qual também herdam propriedades construções relativas, interrogativas QU, encaixadas ou não, assim como construções relativas sem antecedente.

Motiva-se a construção pseudoclivada, considerando-se primeiramente, suas propriedades identificacionais (cf. Halliday 1967, 2014), também contida na construção de cópula identificacional que, em russo, utiliza obrigatoriamente a partícula copulativa *eto* e, em português e inglês, requer a

cópula verbal (no caso, *ser* e *be*, respectivamente). Além disso, uma parte da construção é responsável por evocar uma proposição aberta pressuposta, em que um de seus elementos carece de identificação, propriedade inerente a diversos tipos de construção QU, como construções interrogativas QU, encaixadas ou não, relativas prototípicas ou sem antecedente<sup>19</sup>, conjunto de construções que compartilham entre si o fato de evocarem uma proposição aberta pressuposta (cf. LEITE DE OLIVEIRA, 2017, p. 146-147)<sup>20</sup>. Assim, é possível propor o diagrama na figura 5.



**Figura 6. Relação de herança entre a construção pseudoclivada e as construções QU e de cópula identificacional em russo, inglês e português.**

Com o diagrama proposto acima, é possível entender como a construção pseudoclivada consegue evocar uma proposição aberta pressuposta em que um elemento X carece de identificação (propriedade herdada da construção abstrata QU), e em seguida **é identificado por meio de uma relação copulativa identificacional (propriedade herdada da construção de cópula identificacional)**. No entanto, o russo, como já anunciado, exibe uma especificidade, que não é contemplada por essas relações de herança: a impossibilidade de inversão entre o constituinte clivado e a oração tipo relativa, ou, em outras palavras, a impossibilidade de inversão entre a porção pressuposta e a porção focal da construção, como já descrito acima. O que pode motivar essa restrição formal?

19 Em Leite de Oliveira (2017a) essa relação de herança é especificada em detalhes. A partir da descrição sugerida por Halliday (2014), que faz uma distinção entre construções identificacionais e atributivas em inglês, apresentam-se as propriedades identificacionais da construção de cópula em russo do tipo *Prezident Rossii eto Putin* (O presidente da Rússia é o Putin.), ressaltando-se a necessidade de se utilizar a partícula copulativa *eto*. As propriedades semânticas e formas existentes na construção de cópula identificacional também estão presentes na construção pseudoclivada do russo, sendo possível, portanto, sugerir uma relação de herança entre elas duas.

20 Basicamente, as construções de cópula identificacional apresentam o padrão [X COP Y], como, por exemplo, em *Joana é a filha mais velha*, em português. No caso da Construção abstrata [QU X], um exemplo interessante é ‘O que você está lendo’, que pode ser enunciada na forma de uma interrogativa QU, como *O que você está lendo?*, de uma interrogativa QU encaixada, como *Eu sei o que você está lendo*, de uma relativa padrão, como *Eu conheço o livro que você está lendo*, de uma relativa sem antecedente *O que você está lendo não me agrada*, ou, finalmente, de uma pseudoclivada, como *O que você está lendo é um bilhete*.

A literatura linguística sobre a língua russa (KOVTONOVA 1976, COMRIE 1989) defende que a ordem dos constituintes na sentença está sujeita a restrições de cunho pragmático, mais especificamente, à estrutura da informação. Esse fato permitiu postular a generalização de que em russo há uma restrição pragmática que impede a ocorrência de porções pressupostas em posição final na sentença.

Pensando a língua como um inventário de construções organizado na forma de uma rede taxonômica, que exibe elos diversificados, as generalizações e demais tipos de associações entre os nós da rede devem se dar por meio desses elos. Em sentenças simples do russo a tendência é que o constituinte focalizado ocorra em posição final na sentença. Nesse sentido, construções de foco argumental **não podem apresentar o** conteúdo pressuposto na posição prevista para elementos focais. Essa concepção se aplica também às pseudoclivadas russas. Diante disso, pode-se pensar em um padrão construcional abstrato, que pareia a forma linguística [posição final na sentença] com a função [foco], da qual diversas construções na língua russa herdariam propriedades. Com isso, é **possível sugerir o padrão de herança** disponível na figura abaixo para a língua russa, que não se aplicaria nem ao português, nem ao inglês, mas exclusivamente ao russo. De acordo com o quadro exposto na figura 7, o russo apresentaria um padrão de herança múltipla, em que a propriedade de evocar uma proposição aberta pressuposta em que um elemento X carece de identificação é fornecida pela construção abstrata QU, a propriedade de identificar esse elemento X com algum participante da construção é herdada da construção de cópula identificacional com *eto*, ao passo que a posição fixa do constituinte focalizado na sentença consiste em uma propriedade herdada da construção de foco abstrata.

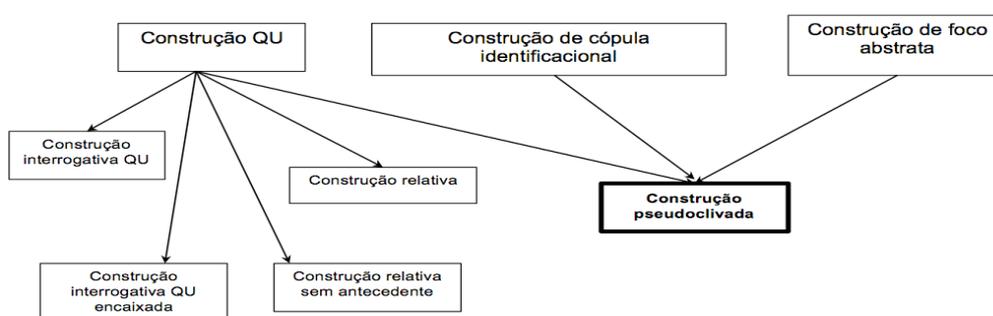


Figura 7 Representação das relações de herança da pseudoclivada em russo

Essa descoberta para as pseudoclivadas da língua russa sugere que, a despeito da possibilidade

de línguas diferentes apresentarem construções semelhantes, alguns aspectos inerentes a essas construções podem restringir, flexibilizar ou não se organizar da mesma forma, e pelo contrário, podem ser específicos para cada língua. Como o foco de análise deste artigo recaiu sobre a língua russa, por questões de espaço não foi possível lançar um olhar mais aprofundado sobre as diferenças de uso entre as construções pseudoclivadas em português e inglês, o que pode consistir em um projeto de análise para o futuro. Em todo caso, os resultados da análise empreendida até o momento permitem sugerir algumas implicações tipológicas para o estudo da estrutura da informação em GCBU, as quais serão apresentadas na próxima seção.

## 5.2. Implicações tipológicas da estrutura da informação em GCBU

Em seu trabalho seminal sobre sintaxe, Jespersen (1984[1937]) descreve a construção clivada do inglês, indicando que esse tipo de construção consiste em uma das maneiras pelas quais línguas como, entre outras, inglês e francês conseguem sublimar o fato de possuírem ordem vocabular rígida. O estudioso salienta, ainda, o fato de esse tipo de construção não existir ou não ser ostensivamente utilizado em línguas, cuja ordem vocabular é mais flexível, tais como as línguas eslavas.

Essa observação tipológica se coloca como um *insight* interessante para se pensar o lugar da estrutura da informação em um viés tipológico aplicado à GCBU. De fato, em russo a pseudoclivada clássica é o único tipo de estratégia de clivagem atestado nesta língua e, além disso, comparativamente ao inglês e ao português, é utilizada com maior parcimônia, apresentando restrições formais (cf. LEITE DE OLIVEIRA, 2017a, 2017b).

Diante dos avanços no estudo da estrutura da informação, é possível observar a relação entre ordem vocabular e estrutura informacional por um ponto de vista mais aprofundado e lançar mão da noção de *domínio potencial de foco* (Lambrecht 1994, Van Valin e LaPolla 1997, Van Valin 1999), a saber, a posição preferencial, na sentença, para a manifestação do componente focal, que, em russo, como já visto, ocorre na posição final em sentenças declarativas.

Em um estudo breve sobre o domínio potencial de foco em perspectiva tipológica, Van Valin (1999) busca estabelecer uma relação entre ordem vocabular e estrutura focal (através da noção de domínio potencial de foco), postulando uma tipologia, de acordo com a qual existiram línguas que apresentam ordem vocabular rígida e domínio potencial de foco também rígido, línguas que apresentam ordem vocabular flexível e domínio de foco rígido, línguas que exibem ordem vocabular rígida,

porém domínio de foco flexível e línguas que exibem tanto ordem vocabular como domínio potencial de foco flexíveis. Evidentemente, Van Valin (1999) interpreta a dicotomia rigidez X flexibilidade não em termos absolutos, mas, sim, gradientes, ou seja, as línguas podem apresentar maior ou menor grau de rigidez ou flexibilidade<sup>21</sup>. Dessa forma, o russo exibiria um grau de flexibilidade da estrutura de foco diferente em relação ao português brasileiro e o inglês. Contudo, são necessários maiores estudos para avaliar a validade da tipologia rigidez/flexibilidade da estrutura sintática X rigidez/flexibilidade da estrutura de foco sugerida por Van Valin, assim como quais línguas podem ser agrupadas em quais tipos.

Do ponto de vista da GC/GCBU, a noção de domínio de foco, como uma construção que parecia forma, a saber, a posição na sentença, e significado, qual seja, o componente semântico de uma proposição pragmaticamente estruturada, que difere pressuposição e asserção, pode ser poderosa do ponto de vista tipológico. Ela poderia ser útil para compreender tanto restrições formais existentes nas línguas – tal como a impossibilidade de inversão da construção pseudoclivada em russo – quanto a flexibilização – como no caso da variação da ordem vocabular nessa mesma língua ou em outras que correlacionem ordem vocabular e estrutura informacional<sup>22</sup>.

## Considerações finais

Este artigo buscou apresentar uma breve discussão sobre dois aspectos relevantes para a GCBU: (i) a descrição e a motivação de construções e (ii) aspectos tipológicos ligados à estrutura da informação. Para isso, tomou-se como objeto a construção pseudoclivada do russo, em contraposição, sempre que relevante, com línguas como o português e o inglês.

Foi possível observar que, do ponto de vista formal, o russo apresenta especificidades não observadas em línguas como o português e o inglês. Uma delas, e a mais relevante para este artigo, é a impossibilidade de inversão da construção pseudoclivada clássica, produzindo o que se convencionalizou chamar, na literatura, de pseudoclivada invertida. Essa especificidade pode ser explicada pelo fato de em russo haver uma generalização que requer a ocorrência de constituintes focais ao final de sentença declarativa. Em termos construcionistas é possível postular um nó

21 Em seu trabalho, Van Valin (1999) caracteriza a língua russa como uma língua com domínio de foco flexível, pois salienta que em interrogativas, o foco tende a ocorrer no início da sentença e não ao final, como em declarativas. Porém, se a análise se restringe às sentenças declarativas, verifica-se que o russo possui domínio de foco menos flexível do que línguas como o português e o inglês.

22 Evidentemente a flexibilidade da ordem vocabular em russo resulta da combinação de uma série de fatores, que incluem não somente o domínio potencial de foco, mas também aspectos morfológicos e prosódicos.

construcional específico e abstrato, ao qual a construção pseudoclivada estaria vinculada por um elo de herança, o que corrobora o princípio da motivação maximizada, postulado por Goldberg (1995), com base na extensa literatura funcional-cognitiva sobre motivação.

Esse fato levanta questionamentos interessantes para a Gramática de Construções (Baseada no Uso), em termos tipológicos. O russo é uma língua, na qual a estrutura sintática e a estrutura informacional estão integradas a tal ponto de existir uma construção de foco abstrata que motivaria a existência de construções de foco mais específicas na língua, tais como a pseudoclivada clássica, que não admite inversão. Em línguas como o português e o inglês não seria possível estabelecer a existência de uma construção de foco abstrata, ou pelo menos não nos termos do russo, a qual influenciasse a contrapartida pseudoclivada dessas línguas. Tal fato sugere um campo de investigações frutífero em GCBU, em perspectiva tipológica.

## REFERÊNCIAS

BARLOW, M. E KEMMER, S. *Usage Based Models of Language*. Standford: CSLI, 2000.

BRAGA, M. L., LEITE DE OLIVEIRA, D. E BARBOSA, E. M. Gradiência e variação nas construções de foco no português brasileiro. *Caderno de Letras da UFF* 47, p. 29-46, 2013.

BYBEE, J. *Language Usage and Cognition*. Cambridge: University Press, 2010.

CHAFE, W. “Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics, and point of view.” In: LI, C. (ed.) *Subject and topic*. New York: Academic Press, 1976. p. 25-55.

CHAFE, W. Cognitive constraints on information flow. In: TOMLIN, R. *Coherence and grounding in discourse. Typological studies in language. Vol XI*. Amsterdam: John Benjamins, 1988. p. 21-52.

COMRIE, B. *Language Universals and Linguistic Tpology*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

CROFT, W. *Radical Construction Grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press. 2001.

DECAT, M. B. N. “Restrições de ilhas” revisitadas: uma abordagem funcionalista à luz da noção

de “unidade de informação”. *Gragoatá*. n. 21, p. 133-146, 2006.

DIESEL, H. Usage-based construction grammar. In: DABROWSKA, E. DIVJAK, D. (eds.), *Handbook of Cognitive Linguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2015. p. 296-322.

FILLMORE, C. J., KAY, P. E O'CONNOR, M.C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: The case of Let alone. *Language* 64/3, p. 501-538, 1988.

FIRBAS, J. On defining theme in Functional Sentence Perspective. *Travaux linguistiques de Prague*. Prague: Éditions de L'Académie Tchèque des Sciences, p. 267-288, 1966.

GIVON, T. *A compreensão da Gramática*. São Paulo: Cortez, Natal, RN: EDUFRRN, 2012. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha, Mário Eduardo Martelotta e Filipe Albani.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: Chicago University Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work – The Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. E. VAN DER AUWERA, J. This is to count as a construction. *Folia Linguistica*, 46,1, p. 109–132, 2012.

HALLIDAY, M.K.A. Halliday, M.A.K. Notes on transitivity and theme in English, Part 2. *Journal of Linguistics* 3. p.199-244, 1967.

HALLIDAY, M. K. A. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold. 2014.

HILPERT, M. KOOPS, C. The co-evolution of syntactic and pragmatic complexity: diachronic and cross-linguistic aspects of pseudoclefts. In: GIVÓN, T. e SHIBATANI, M. (eds.), *Syntactic Complexity*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 2009. p. 215-238.

JESPERSEN, O. *Analytic Syntax*. Chicago: The University of Chicago Press, 1984.

KOVTUNOVA, I. I. *Sovremennyi russki iazyk. Poriadok slov I aktual'noie tchlenenie predlojenia*. Moskva: Prosvechenie, 1976.

LAKOFF, G. *Women Fire and dangerous things. What categories reveal about mind*. Chicago: University Press, 1987.

LAMBRECHT, K. *Information structure and sentence form. A theory of topic, focus, and the mental representations of discourse referents*. Cambridge: Cambridge University Press, Cambridge Studies in Linguistics, vol. 71, 1994.

LAMBRECHT, K. When Subjects Behave like Objects: An Analysis of the Merging of S and O in Sentence Focus Constructions across Languages. *Studies In Language* 24:3, p. 611–682, 2000.

LAMBRECHT, K. A framework for the analysis of cleft constructions. *Linguistics* 39.3, p. 463-516, 2001.

LANGACKER, R. *Foundations of Cognitive Grammar. Volume I: Theoretical Prerequisites*. Standford: University Press, 1987.

LEINNO, J. Information structure. In: HOFFMAN, T. E TROUSDALE, G. (eds.) *Handbook of Construction Grammar*. Oxford: University press, 2013. p. 329-344.

LEITE DE OLIVEIRA, D. *Construções de foco com o marcador éto em russo*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017.

LEITE DE OLIVEIRA, D. Construções pseudoclivadas em russo e em português: uma análise construcionista. *Contextos Linguísticos v.11nº 20*, 2017, p.7-27.

MATHESIUS, V. O Tak nazyvaiemom aktual'nom tchlenenie. In: KONFRASHOVA, N. A. (ed.) *Prazhski lingvisticheski krugok. Sbornik statiei*, Moskva: Progress, 1967, p. 239-245.

PATTEN, A. *The English it-cleft: A constructional account and a diachronic investigation*. Berlin:

De Gruyter Mouton 2012.

PRINCE, E. On the syntactic marking of presupposed open propositions. In FARLEY, A., FARLEY, P., and MCCULLOUGH, K.-E. (eds.). *Papers from the Parasession on Pragmatics and Grammatical Theory, 22nd Regional Meeting Chicago Linguistic Society*. 1986. p. 208-22.

PRINCE, E. Toward a taxonomy of given-new information. In COLE, P (ed) *Radical Pragmatics*. New York: Academic Press, 1981. p. 223-255.

PRINCE, E. A comparison of wh-clefts and it-clefts in discourse. *Language* 54, p. 883–906. 1978.

TRAVNICEK, F. O tak zvanem aktualnim cleneni vetnim. *Slovo a slovesno*. Praha 22, p. 163-171, 1962.

VAN VALIN, R. A typology of the interaction of focus structure and syntax. In RACHILINA, E. V. & TESTELEK, J. G. (eds.), *Typology and linguistic theory from description to explanation: For the 60th birthday of Aleksandr E. Kibrik*. Moscow: Languages of Russian Culture, 1999. p. 511-524.

VAN VALIN, R. LAPOLLA, R. *Syntax, Structure, Meaning, and Function*. Cambridge: Cambridge University Press. 1997.

VIEIRA, A. F. C. *Construção SNpleno-tópicoi + SNproi + Verbo no Português do Brasil: Uma análise funcional baseada no uso*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2014.